

Medo e quebra na procura levam alguns empresários a fechar as portas e outros a ponderar esta possibilidade

dem ser gerados pelo encerramento de portas, importa pensar na saúde pública e na vida de cada açoriano, pois “se todos morrerem será bem pior”.

Por seu turno, Humberto Raposo mostra mais apreensão no que diz respeito a fechar portas, adiantando que até ao dia de ontem mantinha o seu funcionamento normal na expectativa de continuar a receber os seus clientes diários habituais, que procuram O Esgalha ora para a habitual bica, ora para os pratos do dia que são ali confeccionados.

No entanto, se o primeiro dia do plano de contingência traçado pelo Governo Regional não trouxer vantagens para o empresário, este pondera também fechar o restaurante por tempo indeterminado, embora adiante que este encerramento seja difícil face a todas as responsabilidades.

Também ligado ao sector da restauração, Francisco Branco tem algumas preocupações relacionadas com o cenário de “pânico” que a população mundial sente com o aparecimento do novo coronavírus, indicando que no seu restaurante, o Tixico, “os números de hoje são completamente diferentes daquilo que eram na semana passada.”

Para o empresário, esta é uma prova de como as coisas podem “mudar de um dia para o outro”, equacionando por isso a possibilidade de vir a fechar o restaurante ainda esta semana, não sabendo no entanto durante quanto tempo teria que o fazer, uma vez que ainda não conseguiu “parar e pensar bem” no assunto.

Quanto à sua equipa de funcionários, Francisco Branco salienta que terá que assumir os encargos, manifestando-se satisfeito por existir “uma linha de apoio que o Governo estará a implementar”, adiantando ser compreensível que esta não possa – ao contrário da ausência de clientes – surgir de um dia para o outro.

No que diz respeito ao balanço até aqui, o empresário explica que o mês de Janeiro “foi muito bom e o de Fevereiro também”, dando ainda espaço para que em Março os números crescessem, embora tenha “piorado drasticamente não num mês, não numa semana, mas de um dia para o outro”.

“Ainda no Domingo abrimos ao almoço e não tivemos locais a almoçar, apenas alguns turistas. Se houver instruções para que toda a restauração feche as portas, nem pestanejo. Há muita gente que está a fechar, eu pessoalmente estou a pensar nisso, mas se fosse imposto pelo Governo nem pestanejava”, diz.

Apesar de considerar que “a Páscoa já está perdida”, Francisco Branco espera que no Verão a situação melhore, considerando-se um optimista e acreditando, por isso, que “dentro de um mês ou dois a situação já esteja nivelada”.

Há também o receio de não haver dinheiro suficiente para que possam ser pagas as rendas de alguns espaços comerciais que funcionam na baixa de Ponta Delgada, como é o caso da loja Lua Nova, que pelo baixo número de clientes que tem ali aparecido, provocam esta preocupação.

Este baixo número de clientes que se



Farmácias ficaram marcadas por grandes filas de pessoas que esperavam a sua vez



Poucas pessoas circulavam ontem na Rua Machado dos Santos, em Ponta Delgada

tem vindo a manifestar nos últimos dias, diz Margarida Pavão, é suscitado pelo medo que existe face ao novo coronavírus, aumentado ainda pela existência de um caso positivo diagnosticado na ilha Terceira, durante o fim-de-semana, fazendo com que ao longo da manhã de ontem apenas tenham ali entrado dois clientes procurando apenas “artigos essenciais e baratos”.

Outro comerciante preocupado é o Príncipe dos Queijos, Milton Bernardo, que adianta que o movimento tem vindo a baixar de dia para dia, o que é notório também por intermédio da inexistência de turistas na cidade, receando por isso ter que fechar portas por iniciativa própria.

“Estamos a vender só aos locais que também estão a ficar com medo. Desde Sábado que já se nota muita diferença (...), tenho tido o cuidado de desinfetar pouco a pouco as bancadas e as mãos. Há vizinhos já com

a porta fechada, inclusive na restauração. Penso que vai chegar a todos e estou muito preocupado tanto com as pessoas como com a minha equipa de trabalho e com o comércio em geral”, diz.

Por outro lado, adianta que seria preferível que todos fechassem em simultâneo durante algum tempo, considerando que seria uma das formas mais eficazes de combate ao vírus.

Livros são bons aliados para cumprir isolamento social

Por outro lado, e embora estejamos agora apenas no segundo dia do isolamento social recomendado pelo Governo Regional, fechando todas as escolas, creches e ATL e deixando assim os progenitores encarregues se isolarem em casa com os filhos até, pelo menos, ao final das férias de Páscoa, Patri-

cia Carreiro adianta que a venda de livros tem corrido bem até ao momento.

“De Sexta-feira para cá notámos que as pessoas têm comprado entre quatro a cinco livros de uma vez e dizem mesmo que é para elas e para as crianças, para poderem estar em casa e terem algo com que se entreter e algo com que passar o tempo”, diz a directora de loja da Livraria Letras Lavadas.

No entanto, será ainda muito cedo para perceber se haverá necessidade de encerrar a livraria e se a pandemia irá afectar a venda de livros, uma vez que o início da semana costuma ser tradicionalmente mais calmo quando em comparação com os restantes dias da semana.

Por enquanto, salienta Patrícia Carreiro, mantém-se a necessidade “de desinfetar com muita frequência os balcões e os multibancos e de usarmos luvas para nos protegermos a nós e aos clientes. Mas claro que se houver a necessidade extrema de fecharmos nós não podemos declinar e teremos que fechar naturalmente”.

Quanto ao movimento em Ponta Delgada, a directora de loja adianta que tanto o largo da Matriz como a Rua dos Mercadores estiveram, ao longo da manhã de ontem, vazios mas que – por outro lado – “as farmácias estão sempre cheias de pessoas”.

Pessoas aguardam vez no exterior das farmácias

Passando por várias das farmácias de Ponta Delgada, era visível que o plano de contingência elaborado pela Ordem dos Farmacêuticos estava em acção, uma vez que eram várias as pessoas que aguardavam em fila fora dos estabelecimentos.

De acordo com Teresa Almeida Lima, Delegada para os Açores da Associação Portuguesa de Farmácias, este plano é depois adaptado a cada uma das unidades farmacêuticas do país, estabelecendo por exemplo o número máximo de utentes que podem estar em simultâneo dentro do mesmo espaço e de que forma é feito o atendimento.

Na Farmácia Central da Ribeira Grande, caso do qual tem melhor conhecimento, a delegada regional explica que a aplicação do plano de contingência passou por fazer aplicar uma barreira acrílica, mantendo assim uma certa distância de segurança de cada utente, para além da desinfecção constante das bancadas.

Apesar de ter ainda decorrido pouco tempo desde a aplicação destas medidas, Teresa Almeida Lima refere que o primeiro dia correu bem, uma vez que os utentes têm percebido a importância da aplicação de medidas deste género, aliado também ao bom tempo que, por enquanto, não criou problemas para que as pessoas aguardassem no exterior.

Na farmácia, diz, as pessoas aproveitam para esclarecer as suas dúvidas relativamente ao novo coronavírus, no entanto, adianta, as pessoas (principalmente as mais idosas) devem evitar ir à farmácia com frequência.

Joana Medeiros